

COMENTÁRIO BÍBLICO

32º Domingo Comum – Ano A

08nov2020

Amós 5,18-24; Salmo 50,7-15; 1 Tessalonicenses 4,13-18

S. Mateus 25,1-13

¹E continuou Jesus: «O reino dos céus será então semelhante a dez jovens solteiras que pegaram nas suas candeias para irem ao encontro do noivo, na festa de casamento. ²Cinco delas eram descuidadas e as outras cinco cuidadosas. ³As descuidadas pegaram nas candeias, mas não levaram azeite de reserva, ⁴ao passo que as cuidadosas com as suas candeias levaram azeite de reserva. ⁵Como o noivo se demorava, as jovens ficaram todas com sono e acabaram por adormecer. ⁶À meia-noite ouviu-se um grito: “Aí vem o noivo! Vão ao encontro dele!” ⁷As jovens levantaram-se todas e puseram-se a preparar as candeias. ⁸Então as descuidadas disseram às cuidadosas: “Deem-nos um pouco do vosso azeite que as nossas candeias estão-se a apagar.” ⁹Mas as cuidadosas responderam: “Isso não, que assim não chega para nós e para vós. O melhor é irem ao mercado comprá-lo.” ¹⁰Ora enquanto as jovens descuidadas foram comprar o azeite, chegou o noivo, e as que estavam preparadas entraram para a sala do banquete. E fechou-se a porta. ¹¹Mais tarde, chegaram também as outras e gritaram: “Senhor! Abre-nos a porta!” ¹²Mas o noivo respondeu-lhes lá de dentro: “Garanto-vos que não vos conheço!” ¹³Portanto, estejam sempre atentos, porque não sabem nem o dia nem a hora.»

1. Esta parábola não aparece em qualquer outro Evangelho. Para lhe percebermos o sentido, hoje, temos de ter em conta a ‘distância’ temporal que ocorreu entre a altura em que Jesus pronunciou as parábolas (‘momento histórico’) e o outro tempo, muitos anos depois, em que foram escritas (‘momento redaccional’), como ensinou o teólogo luterano alemão Joachim Jeremias (1900-1979). Ora, Jesus usou esta parábola, como outras, para confrontar as autoridades religiosas do seu tempo. Porém, a sua elaboração escrita, de intenção catequética, foi naturalmente influenciada pelo contexto ocasional da igreja primitiva que enfrentava a possibilidade do fim do mundo.

A confrontação com os dirigentes religiosos reside no excesso de confiança em que viviam, convictos de que a eleição ou nomeação para o seu cargo religioso valia por si e frutificaria na sua relação com Deus. No Antigo Testamento (Amós 5, 18-24) já os Profetas avisavam quanto àquilo a que chamavam hipocrisia religiosa, que pode acontecer aos que pensam que a sua relação com Deus se aprofunda através de ritos de culto (sacrifícios, jejuns e outros) e desprezam ou esquecem os preceitos mais elementares de justiça social e de amor ao próximo (vs 21a 24). Entendamos, os Profetas não põem em confronto os ritos cúlticos e os atos de solidariedade social e o amor fraternos, mas, tão só, alertam para a possibilidade do comportamento hipócrita de quem pratica os primeiros em detrimento dos segundos. E o Novo Testamento corrobora tal exortação com as palavras de Jesus em Mateus 7, 21 e em Lucas 11, 41-42. Aqui, Jesus adverte-os de que tal modo de pensar leva a falsas seguranças que, por sua vez, criam uma consciência enganosa. Por isso ficam espantados (S. Mateus 25, 44) ao verificarem as suas omissões e ouvem a voz do Noivo “Garanto-vos que não vos conheço!”. Isto quer dizer-nos: por mais alto dignatário que te sintas, por mais digno que seja o grupo ou comunidade a que pertenças, se a lâmpada da tua fé não dá a luz que quer o Senhor, quando chegar o noivo darás com o nariz na porta.

2. Mas, a parábola exorta-nos também a ‘estar preparados’, pois, não sabemos o dia nem a hora... E apresenta-nos a candeia iluminada como representação simbólica da nossa preparação, que interpretamos como a fé vivenciada. Então, percebemos que a tal preparação se materializa na manutenção da candeia acesa, com a necessária porção de azeite sempre pronta a suprir a porção anterior que se gastou. Daqui, duas notas: a primeira, a luz não extingue a escuridão, ilumina-a simplesmente. Ou seja, quando a luz se apaga a escuridão prevalece, pelo que se deve manter a luz sempre acesa; e, a segunda nota, mas, para que a luz se mantenha acesa é preciso alimentar as candeias com azeite, como fizeram as jovens cuidadosas da parábola. É assim com a fé.

Para além de ser uma “herança”, devemos ‘olhar’ para a nossa fé como uma manifestação de vontade e de perseverança. Depende de nós, do cuidado e alimento que usamos com ela, da persistência da nossa atenção para com o seu estado, a fim de que não se extinga e, por consequência, cresçam no nosso coração as trevas da incompreensão, da ausência de amor ou do desamor, do egocentrismo, da dúvida desmesurada e negativa. E isto pode acontecer quando nos olhamos ao espelho e pensamos que estamos a ver um ‘deus’. Ora, o cuidado com a fé – a ‘preparação’ – exige de nós a humildade de aceitar que Deus está connosco mesmo no silêncio da Sua presença. É assumir – porque sim – que é Deus que nos dá força para enfrentarmos aquilo a que estamos sujeitos, os momentos de sofrimento e aflição.

3. Não há dúvida de que a pandemia está a causar um sentimento de cansaço em todos nós. Nos primeiros meses conseguimos – uns mais, outros menos – aguentar o efeito surpresa e depois a adequação à sua evolução até à altura do desconfinamento, em Maio. Era evidente, pensávamos, que o pior tinha passado e se iria voltar a um estado de normalidade, ainda que com algumas alterações. E assim vivemos o verão... até que começámos a ouvir a vozes avalizadas: “o pior está para vir!”. Mas ninguém acreditava. E o pior começou a chegar... com todas as consequências da real enormidade da pandemia, a chamada 2ª vaga. E, agora, como às jovens descuidadas, está-nos a faltar o ‘azeite’ na candeia... Então, aí temos o cansaço psicológico, silencioso, persistente, a causar moças de monta na nossa saúde mental.

Não vos deixeis dominar pela ansiedade, porque aumentou muito a incerteza em relação à situação sanitária e à situação económica. Nem deixeis que a tristeza vos invada, com todo o chorrilho de frustrações e medos. Pelo contrário, aceitai-as e combatei-as puxando “o cabo da fé”, pois, “Uma âncora temos, / Que a força do mar, / Por muito que ruja, / Não pode quebrar.” (Hino 426 – S.H).

Deus é o Senhor do Tempo e da História e, aos que O aceitam como Pai, convida a olhar a vida como um tempo de espera vigilante e confiante. “A vida é um exercício de esperança”, como dizia Fr. Bento Domingues, O.P. no seu artigo dominical no Púlblio de 01nov20. Então, assumi as vossas emoções, chorai se for preciso, falai com outros sobre o que sentis, não vos fecheis nas dificuldades que estais a sentir, e, se for necessário, pedi auxílio e procurai passear ao ar livre. E, não vos esqueceis, orai e procurai alento na Sagrada Escritura, alimentando a esperança e, assim, mantendo a vossa candeia acesa... aceso o vosso compromisso com Cristo, iluminada a vossa condição de filho(a) de Deus, e sempre pronta a vossa solidariedade para com o outro.

+ Fernando Soares

Bispo Emérito da Igreja Lusitana